

TEOLOGIA DA PREVENÇÃO

Coleção **MINISTÉRIOS**

- *Formação: desafios morais*, VV.AA.
- *Igreja e escândalos sexuais: por uma nova cultura formativa*, VV.AA.
- *Formação: desafios morais 2*, VV.AA.
- *Teologia da prevenção: por um caminho de humanização*, VV.AA.

José Antonio Trasferetti
Mário Marcelo Coelho
Ronaldo Zacharias
(orgs.)

Teologia da prevenção

Por um caminho de humanização

Apresentação

Dom Joaquim Giovanni Mol Guimarães



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial: *Pe. Silvio Ribas*
Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*
Preparação do original: *Luciana Mourão Maio*
Coordenação de arte: *Rodrigo Moura de Oliveira*
Diagramação e capa: *Karine Pereira dos Santos*
Imagem da capa: *iStock*
Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Teologia da prevenção: por um caminho de humanização / organização de José Antonio Trasferetti, Mário Marcelo Coelho, Ronaldo Zacharias; apresentação Dom Joaquim Giovanni Mol Guimarães. – São Paulo: Paulus, 2021.
Coleção Ministérios.

ISBN 978-65-5562-237-9

1. Teologia 2. Teologia moral 3. Humanização 4. Ética cristã 5. Sociedade - Aspectos cristãos I. Trasferetti, José Antonio II. Coelho, Mário Marcelo III. Zacharias, Ronaldo IV. Guimarães, Joaquim Giovanni Mol

21-1274

CDD 241
CDU 241

Índice para catálogo sistemático:
1. Teologia da prevenção



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos
e nossas promoções: **paulus.com.br/cadastro**
Televentas: (11) 3789-4000 / 0800 016 40 11

1ª edição, 2021

© PAULUS – 2021

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)
Tel. (011) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-237-9

APRESENTAÇÃO

VIU, “COMPAIXONOU” E CUIDOU DELE

Por uma teologia da prevenção

Dom Joaquim Giovanni Mol Guimarães¹

Muitas vezes, lemos a encantadora e, ao mesmo tempo, perturbadora parábola do bom samaritano em Lc 10,29-37. Ela é encontrada apenas no Evangelho segundo Lucas, que escreveu para uma comunidade de cristãos vindos do paganismo. Três expressões ajudam a compreender melhor o evangelista e a parábola do bom samaritano e, por conseguinte, a pessoa de Jesus: por trás do texto, há uma personalidade cativante, um mestre talentoso e uma pessoa sensível. Eis a versão proposta pela Bíblia de Jerusalém:

²⁹ Ele porém, querendo se justificar, disse a Jesus: “Quem é o meu próximo?”

³⁰ Jesus retomou: “Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu no meio de assaltantes que, após havê-lo despojado e espancado, foram-se, deixando-o semimorto.

¹ Dom Joaquim Giovanni Mol Guimarães é bispo auxiliar da arquidiocese de Belo Horizonte, reitor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) e presidente da Comissão Episcopal Pastoral para a Comunicação, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

³¹ Casualmente, descia por esse caminho um sacerdote; viu-o e passou adiante.

³² Igualmente um levita, atravessando esse lugar, viu-o e prosseguiu.

³³ Certo samaritano em viagem, porém, chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão.

³⁴ Aproximou-se, cuidou de suas chagas, derramando óleo e vinho, depois colocou-o em seu próprio animal, conduziu-o à hospedaria e dispensou-lhe cuidados.

³⁵ No dia seguinte, tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro, dizendo: ‘Cuida dele, e o que gastares a mais, em meu regresso te pagarei.’

³⁶ Qual dos três, em tua opinião, foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?”

³⁷ Ele respondeu: “Aquele que usou de misericórdia para com ele”. Jesus então lhe disse: “Vai, e também tu, faze o mesmo”.

Essa parábola é encantadora, porque expressa uma delicadeza de alto quilate no cuidado que teve o bom samaritano com o homem que descia de Jerusalém para Jericó e caiu no meio de assaltantes, foi despojado, espancado e deixado semimorto. A ação de extremo cuidado corresponde ao extremo da violência sofrida por aquele ser humano. É uma atitude paradigmática. Ela é o paradigma de todo bom samaritano e deve ser o paradigma de todo bom cristão, ainda que pareça estranho e desnecessário adjetivar o cristão, porque se supõe que todo cristão, exatamente por ser seguidor de Cristo, seja bom, tenha de ser radicalmente bom. Mas não é isso que se constata: hoje, muitos daqueles que se vangloriam de ser cristãos não titubeiam em aplicar – com um alto grau de perversidade – todo tipo de violência e exclusão para fazer valer a sua fundamentalista, anacrônica, conservadora, reacionária e antievangélica

crença em um “deus” que pretendem impor acima de todos e, conseqüentemente, por mais que se considerem pessoas de bem e cristãos convictos, estão muito distantes do verdadeiro Deus de Jesus Cristo.

A parábola do bom samaritano é também perturbadora, porque ele foi a terceira pessoa que passou pelo semimorto. Antes dele, passaram pelo homem semimorto um sacerdote e um levita, ambos responsáveis pelas coisas da religião. O texto diz que os dois “viram” o homem caído, sujeito à morte, e “prosseguiram” seu caminho, provavelmente para cuidar da religião, das coisas da religião, deixando sem cuidado o ser humano. Aqui está o exemplo de atitude antiparadigmática, porque vazia de alteridade e de cuidado com o outro, principalmente se considerarmos que a atitude foi tomada por quem estava a serviço da religião.

É preciso notar a abundância contundente no uso de verbos que indicam o fazer do bom samaritano, praticamente como um tambor a marcar o ritmo das ações de cuidado para com a pessoa, que não podia mais esperar, porque estava à beira da morte. Jesus diz que o bom samaritano **chegou, viu, moveu-se** de compaixão, **aproximou-se, cuidou** dele, **derramou-lhe** óleo, **colocou-o** no seu animal, **conduziu-o** à hospedaria, **dispensou-lhe** cuidados – **passou** a noite com ele –, **pagou** o hospedeiro, **mandou cuidar** dele, e **prometeu pagar** a diferença, se fosse necessário. São treze ações que geram um movimento apressado para evitar a morte e garantir a vida. Sobre o sacerdote e o levita, Jesus diz apenas que viram e prosseguiram, o suficiente para se tornarem cúmplices da morte e não da vida, talvez porque estivessem anestesiados pela religião, e não libertados por ela.

Por fim, lembramos que Jesus contou essa parábola para um doutor da Lei, um homem que, certamente, conhecia

muito bem a Lei, mas, mesmo assim, quis pôr Jesus à prova, questionando-o sobre o que era necessário fazer para herdar a vida eterna. Primeiro, Jesus fez o doutor da Lei se lembrar do que dizia a própria Lei. E ele se lembrou: amar a Deus e ao próximo. E Jesus mandou-o fazer o que determinava a Lei. Insatisfeito, ele pergunta a Jesus “quem” era o seu próximo. Essa foi a pergunta fundamental! A ela Jesus respondeu com a parábola do bom samaritano e, ao final, teve a oportunidade de ensinar o doutor da Lei. Ao perguntar ao doutor da Lei quem foi o próximo do homem violentado, o doutor da Lei responde, antropológica e teologicamente, de forma correta: “Aquele que usou de misericórdia para com ele”. O artigo definido da pergunta – “Quem foi ‘o’ próximo?” – é muito importante. Ele indica que só há um próximo, e o único próximo é aquele que usou de misericórdia, ou seja, aquele que abaixou o seu coração lá onde estava a miséria do outro e, por isso, cuidou dele.

Gosto de transformar o substantivo compaixão num verbo que não existe, “compaixonar”, para indicar que a compaixão é um movimento ativo, carregado de ternura, indignação e pré-disposição ao bem, à justiça, à ética, ao respeito à diferença, ao cuidado, à prevenção, ao agir humano-cristão, e não um sentimento de pena que, muitas vezes, imobiliza e favorece a desumanização, porque apazigua a consciência. A compaixão não é só para ser sentida, mas para ser feita, realizada, praticada com todas as suas consequências. Por isso, é preciso “ver, compaixonar e cuidar”, como mostra o desencadeamento de ações do ensinamento de Jesus. Esse é o seu modo de “usar de misericórdia”. É misericordioso quem “vê” o outro em sua realidade de dor e sofrimento advinda das desigualdades em todas as suas facetas; deixa-se mover pela “compaixão”, praticando a ternura e indignando-se; e, finalmente, debruça-se sobre o outro e o cobre de cuidados, sarando

suas feridas e as feridas sociopolíticas, econômicas e também culturais e religiosas, geradoras de violências que vitimam tanto o ser humano quanto a Casa Comum, o nosso *habitat*.

Vejo na parábola do bom samaritano a condição emblemática e icônica para o desenvolvimento de uma teologia da prevenção, como caminho necessário à humanização, facilitando-nos ser o que devemos ser: humanos, *imago Dei*. Restaurar – por meio da ação humana preventiva, cuidadosa e misericordiosa – a face humana desumanizada é um processo de humanização e, ao mesmo tempo, um ato espiritual de alta densidade, que necessita ancorar-se numa reflexão teológica consistente e abrangente.

Alguns profissionais da teologia moral – enquanto ciência prática – estão criando, muito oportunamente, uma *teologia da prevenção*, que entendo ser a porta de entrada para a teologia do cuidado integral, ou seja, a teologia que plasma todos os seres em múltiplas e mútuas relações de reciprocidade, que vão e voltam do cuidado do outro ao cuidado do planeta Terra. É uma tarefa árdua, mas feita com competência por vários teólogos e teólogas que atuam em muitas instituições de ensino e servem, de formas diferentes, à comunidade eclesial.

A teologia moral, corajosamente, abre as portas dos seus campos do saber, para receber a visita da *teologia da prevenção* como aquela que só se justifica se for efetiva colaboração na promoção da dignidade, liberdade, responsabilidade e autonomia da pessoa humana, com todos os seus direitos fundamentais. Neste livro, são abordados dezoito temas de grave importância. Eu os elenco aqui, de forma livre, para que o leitor tenha uma ideia do caminho a ser percorrido, passando pelos temas banalização do mal, *bullying*, compensação e compulsão, corrupção, dependência química, dogmatismo e rigorismo, dualismo

e fragmentação, fundamentalismo e intolerância, suicídio, violência, infidelidade, abuso sexual intrafamiliar, homofobia, indiferença, consumismo, dependência virtual, sexismo, gravidez e IST. Esses temas e, mais do que isso, essas realidades são tratados por pesquisadores que atuam no Brasil, nos EUA e na Argentina, dando à obra o caráter internacional necessário no enfrentamento destas questões tão importantes.

Fui convidado pelos organizadores da obra a apresentá-la e, por isso, gostaria de convidar os leitores a tomá-la em mãos e a se dedicar à nobre e indispensável tarefa de lê-la. É uma obra para professores de filosofia, psicologia, medicina, ciências sociais, antropologia e teologia, pesquisadores, estudantes, agentes de pastoral e ministros ordenados e leigos. É uma obra para ser estudada por padres, bispos, pastores e outras autoridades de várias áreas, inclusive agentes públicos. Ela pode ser útil a quem trabalha em meios de comunicação, jornalistas, publicitários, relações públicas, repórteres, para que, na condição de formadores de opinião, colaborem na travessia de uma sociedade preconceituosa, indiferente, violenta, reacionária para uma sociedade que priorize o respeito, o cuidado, a valorização da vida.

No ano de 2020, assistimos estarrecidos, no mundo todo e, especialmente, no Brasil, a um modo de ser e atuar tão descomprometido com a vida, que a ele se aplica muito bem aquilo que um dos mais eruditos pensadores da atualidade, o camaronês Achille Mbembe, chama de necropolítica, que, por ser chafurdada no necropoder, define quem importa ou não viver, quem pode ou não ser descartável. Refiro-me à prevenção e ao combate à pandemia do novo coronavírus e da covid-19, que expôs, de modo ainda mais escandaloso, a desigualdade entre as pessoas. Ao contrário do que pretende a teologia da prevenção, a necropolítica é

seletiva, perversa, desumanizadora e aporofóbica,² porque rechaça os pobres. Hoje, ela é escandalosamente praticada por uma parte das autoridades políticas, dos empresários e dos líderes religiosos, de pessoas egocêntricas e intolerantes, todas elas irresponsável e inconsequentemente banalizadoras do mal.

Este livro – *Teologia da prevenção* – pode provocar em nós o desejo e a possibilidade de um novo modo de ser no mundo, uma nova maneira de viver, um novo jeito de estar presente, um novo estilo de vida. E, sem dúvida alguma, esse será seu alcance maior. E é isso o que desejo!

² Relativo a aporofobia. Conforme definição constante no *site* da ABL: “Repúdio, aversão ou desprezo pelos pobres ou desfavorecidos; hostilidade para com pessoas em situação de pobreza ou miséria. [Do grego *á-poros*, ‘pobre, desamparado, sem recursos’ + -fobia.]”. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/aporofobia>. Acesso em: 30 mar. 2021. (N.R.)